

## A DENÚNCIA DA DITADURA NAS OBRAS DE JOSUÉ GUIMARÃES

Rita de Cássia Silva Lucas\*  
Charles Sidarta Machado Domingos\*\*

### RESUMO

Este artigo aborda a relação entre História e Literatura através dos livros *Os Tambores Silenciosos* e *É Tarde Para Saber* de autoria do escritor Josué Guimarães. Para tanto, na primeira seção traçaremos um panorama histórico do Brasil do tempo da ditadura civil-militar. Em uma segunda seção, abordaremos a representação do sistema ditatorial de governo, retratado na obra *Os Tambores Silenciosos*, através da alegoria e da narrativa dos acontecimentos na cidade fictícia de Lagoa Branca; e na terceira seção, o foco será a obra *É Tarde para Saber*, que traz pelos personagens protagonistas a divisão classista da sociedade brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** História, Literatura, Guerra Fria, Ditadura civil-militar, Josué Guimarães.

### ABSTRACT

This article discusses the relationship between History and Literature through books *Os Tambores Silenciosos* and *É Tarde para Saber* by writer Josué Guimarães. Therefore, in the first section we will draw up a historic panoramic of Brazil from the time of civil-military dictatorship. In a second section, we'll talk about the dictatorial system of government, portrayed in the work *Os Tambores Silenciosos*, through allegory and narrative of events in the fictional town of Lagoa Branca; and in the third section, the focus will be the work *É Tarde para Saber*, which brings through protagonists characters the class division of the brazilian society.

### KEYWORDS:

History, Literature, Cold War, civil-military dictatorship, Josué Guimarães

### Introdução

A paixão incontrollável pela Literatura, a busca pela História e a admiração pelo uso que nossos escritores fazem da palavra, são a motivação primeira para o desenvolvimento deste artigo. Sendo esta pesquisa desenvolvida com o intuito de verificar como se dá a

---

\* Especialista em Educação e Contemporaneidade pelo IFSUL. Endereço: Rua Zeferino Ferreira, 180 – Cidade Alta – São Jerônimo/RS. Cep. 96700/000.

\*\* Doutorando em História na UFRGS, sob orientação da Prof. Dra. Carla Brandalise. Professor de História no IFSUL. Endereço: IFSUL – Rua General Balbão, 81 – Centro – Charqueadas/ RS. Cep.: 96745/000

denúncia da ditadura civil-militar nas obras literárias, elegemos trabalhar com o escritor Josué Guimarães em razão de este autor ter uma visão perspicaz e crítica dos acontecimentos daquele período, além de suas obras terem sido contemporâneas à ditadura no Brasil – tendo sido publicadas de 1970 a 1986.

A fronteira entre História e a Literatura nos permite perscrutar o tempo vivido, a fim de que possamos avaliar ações passadas, entender qual o reflexo destas ações na sociedade contemporânea, além de abrir perspectivas que nos possibilitem vislumbrar o que nos reserva o futuro. Afinal, é no entrelaçamento da História com a Literatura que haverá o diálogo, pelo viés da ficção, da arte com o contexto sócio-político da época em que se dá a sua produção:

São ambas refigurações de um tempo, configurando o que se passou, no caso da História, ou o que se teria passado, para a voz narrativa, no caso da Literatura. **Ambas são formas de explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro.** Valem-se de estratégias retóricas, estetizando em narrativa os fatos dos quais se propõem falar. São ambas formas de representar inquietudes e questões que mobilizam os homens em cada época de sua história, e, nesta medida, possuem um público destinatário e leitor. Isso tudo diz respeito às aproximações que unem a História e a Literatura (PESAVENTO, 2006: 81 – Grifos nossos).

Além disso, podemos verificar traços da História presente nas obras literárias: é o processo que denominamos “verossimilhança”, ou seja, a realidade trazida para dentro da obra ficcional, porém sem um comprometimento com a verdade (SOUZA, 2002: 23).

Porém, nunca é demais dizer que afora todas as aproximações possíveis e desejáveis, História não é Literatura. Chartier afirma que o historiador não faz Literatura ainda que escreva em forma literária. Isso porque há uma dupla dependência por parte do historiador: em relação aos arquivos, que são as pegadas do passado, e em relação a critérios e operações técnicas relativas ao seu ofício (CHARTIER, 2001: 135).

Assim, a História, a partir de suas fontes, é capaz de produzir um retrato interpretativo dos fatos, já a Literatura abre espaço para o imaginário, tanto do escritor como do leitor. Todavia, mesmo sendo diferentes e únicas, é possível realizar uma análise social pela fronteira entre História e Literatura (CHIAPPINI, 1999: 813-814).<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Sandra Pesavento corrobora essa idéia: “Literatura e História, bem o sabemos, não são a mesma coisa, mas se colocam como distintos pontos de observação sobre o mundo, que partilham do mesmo intento de decifração do real, ou seja, estão irmanadas pelo mesmo fim cognitivo, como assinala Guinzburg (PESAVENTO, 2004: 110).

Desse modo, pretendemos analisar aspectos representados em dois textos importantes de Josué Guimarães – escritor que cumpriu um dos papéis atribuídos à Literatura em qualquer época: o de produto social que, neste contexto, foi o de crítica ao regime vigente.<sup>2</sup>

Na primeira seção deste artigo, buscaremos traçar um panorama geral com base em pesquisas bibliográficas da área da História sobre os fatos ocorridos durante as décadas de sessenta e setenta do século XX. Procuraremos, sempre que possível, contextualizar o Brasil dentro da Guerra Fria e evidenciar a relação que a ditadura civil-militar instaurada em 1964 travou com os setores internos e externos daquele período.

Na segunda seção, analisaremos a obra *Os Tambores Silenciosos*, pretendendo traçar paralelos entre a Literatura e a História do Brasil. Procuramos mostrar a riqueza que abarca estas duas áreas de estudo ao se considerar o seu entrelaçamento com a argúcia do escritor em denunciar a ditadura, dando voz ao narrador e por vezes às irmãs Pilar.

Na terceira seção, objetivaremos elaborar uma análise da obra *É Tarde para Saber*, também com o aporte de obras da História que, correlacionadas com a ficção, permitiram-nos observar a presença da verossimilhança entre Literatura e História. Além disso, também foi possível realizar cortes de análise para além da política, como, por exemplo, a condição social dos personagens tendo como pano de fundo a ditadura civil-militar.

Abordaremos, em especial, este período da História do Brasil que no atual momento tem se destacado na mídia. Muito tem sido desvelado do que aconteceu naquele período, mas também, talvez, muita coisa ainda fique encoberta. Por isso, é preciso investigar cada vez mais e com cada vez mais fontes e os livros de ficção também são fontes importantes para o conhecimento, para a reflexão e para a pesquisa acadêmica.

## **O Brasil dos Ditadores**

A ditadura civil-militar que foi instaurada no Brasil em 31 de março/01 de abril de 1964 teve como justificativa ideológica salvar as instituições democráticas do perigo comunista representado pelo governo de João Goulart. Nesses 21 anos (1964-1985), a

---

<sup>2</sup> Josué Guimarães preocupou-se em escrever Literatura em sentido social, que permitisse um efetivo diálogo entre escritor e a sociedade (MOURA, 201: 39).

ditadura teve momentos de total submissão aos Estados Unidos da América (EUA), de repressão aos movimentos operários e camponeses, do uso indiscriminado da tortura, da pauperização da mão-de-obra assalariada, da cassação de direitos políticos e mesmo civis (como no caso dos banidos) e, desde o seu início, utilizou-se da censura como ferramenta de eliminação do contraditório, do diferente, ou mesmo de qualquer tipo de contestação à sua legitimidade política. O bloqueio das informações e a imposição de fervor patriota desse período, bem como a impotência da maioria dos cidadãos e o poder político que fazia cumprir suas ordens pela força militar são bem evidentes na obra *Os Tambores Silenciosos e É Tarde para Saber*, de Josué Guimarães.

No entanto, para entendermos melhor como a ditadura se sustentou ao longo dos seus 21 anos, é indispensável remontá-la, ainda que brevemente, aos anos imediatamente posteriores ao final da Segunda Guerra Mundial. É nesse período que o Brasil assina, na cidade de Petrópolis no Rio de Janeiro, o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) no ano de 1947. Esse tratado, firmado pelos países americanos, previa, entre outros itens, a solidariedade das nações americanas frente a qualquer tentativa de agressão por país externo ao continente.<sup>3</sup> Era a forma pela qual os EUA davam início a latino-americanização da Guerra Fria. Transformava-se todo o continente em seu quintal, a tal ponto que, posteriormente, o TIAR foi invocado na VIII Reunião de Consulta aos Chanceleres Americanos, em janeiro de 1962, para expulsar Cuba da Organização dos Estados Americanos (OEA) – e tentou-se utilizar o TIAR ainda como justificativa para a invasão militar de Cuba em outubro do mesmo ano, no episódio mais tenso da Guerra Fria, a Crise dos Mísseis (DOMINGOS; RIBEIRO, 2012: 36).

Ainda nessa segunda metade dos anos quarenta foi criada a Doutrina de Segurança Nacional (DSN) nos EUA, com objetivo de controlar as tentativas de subversão comunista no continente. Essa doutrina serviu, posteriormente, como base para implantação dos regimes ditatoriais nos países da América Latina, tendo sido palco pioneiro de seu emprego o Brasil, na primeira metade dos anos sessenta.

Neste sentido, a partir do final da segunda guerra mundial e mais especificamente nos anos 50, os militares latino-americanos e brasileiros

---

<sup>3</sup> O TIAR previa o auxílio militar em caso de agressão externa a qualquer país da América Latina ou aos Estados Unidos. Com isso, os Estados Unidos asseguraram a legitimidade para uma futura possível intervenção no continente (DOMINGOS, 2004: 205).

passaram a agir de acordo com a Doutrina de Segurança Nacional: um conjunto de princípios e normas que serviram de base ao sistema capitalista ocidental e segundo o qual o mundo estava dividido entre o bem e o mal, sendo esse último representado pelo comunismo internacional, supostamente infiltrado em todos os países do mundo. O episódio do golpe militar de 1964 fazia parte de um longo processo de ideologização das Forças Armadas brasileiras e latino-americanas que visavam impedir o avanço do comunismo. O exército não atuava como em outras ocasiões, como árbitro entre as classes sociais, mas se colocava como protagonista de objetivos determinados (fins), estratégias definidas (meios) e iluminado por uma ideologia, a Segurança Nacional (WASSERMAN, 2004: 30).

No contexto mundial, os anos sessenta foram marco de intensas transformações sociais: a liberação sexual, a luta pelos direitos civis, o rompimento de barreiras entre o público e o privado, o movimento pacifista e o movimento conhecido por Maio de 68 são os mais significativos. No cenário político, o mundo presenciava a Guerra Fria, na qual duas grandes nações divergiam nos regimes governamentais, a saber, os Estados Unidos da América e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Cada nação que aderisse às correntes ideológicas capitaneadas por um desses países fortaleceria a disputa pela supremacia como melhor modo de vida. E na América, a partir da Revolução Cubana de 1959, os Estados Unidos ficaram em estado de alerta, pois não queriam deixar a Revolução se propagar, com riscos de perderem poder político para a área de influência dos países socialistas – e o Brasil despontava nas preocupações de John Kennedy como uma possível “nova Cuba”. Desse modo, passam a atuar dando suporte financeiro e treinando as Forças Armadas dos países da América Latina; além do financiamento das “ilhas de sanidade administrativa” – Estados e Municípios de oposição ao governo de João Goulart – a partir da segunda metade de 1962.

Com essas condições dadas – além da radicalização política interna, a quebra da hierarquia nas Forças Armadas, a Política Externa Independente e a atuação brasileira na crise dos Mísseis, a Lei de Remessa de Lucros, o projeto de Reforma Agrária e uma inflação de 92% só nos três primeiros meses de 1964 – o Brasil foi o país pioneiro em estabelecer a ditadura, seguido pelo Uruguai e Chile (1973) e Argentina (1976). Como as pessoas que eram perseguidas pela ditadura, em alguns casos se exilavam nos países vizinhos, foi criada a chamada Operação Condor, que abria uma colaboração conjunta que, na verdade, era uma aliança formada pelos militares destes países na “caça” aos considerados subversivos. A Operação Condor – idealizada pelo serviço de inteligência

chileno – tomou forma a partir do momento da união de forças no combate ao inimigo comunista.<sup>4</sup>

Sempre é importante ressaltar que o golpe de 31 de março/01 de abril não foi exclusivamente militar, pois o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) assumiram a parte civil, dentre outras práticas, financiando, com recursos oriundos de grandes centros empresariais, a campanha de desestabilização do governo Goulart através de uma grande ofensiva de propagandas que relacionava o governo ao comunismo (DREIFUSS, 1986: 101-104; 319-338; MONIZ BANDEIRA, 1977: p. 70). As Forças Armadas, que antes serviam como interventor, agora assumem o papel de agente do poder e os civis passam a atuar como coadjuvantes, limitados pelo que lhes permitiam os militares (ALVES, 2004: 138).

Entendendo a extensão do golpe – uma vez que corporações multinacionais, governo dos EUA e militares da Escola Superior de Guerra (ESG),<sup>5</sup> órgãos civis, grandes empresários, redes de comunicação estavam todos unidos, percebeu ser inútil convocar os aliados à resistência, pois a guerra civil que se sucederia, teria consequências imensuráveis (FERREIRA, 2012: 378) – João Goulart se resignou e partiu para o exílio. Antes de Goulart sair do país, o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli declarou, em 02 de abril, o cargo vago (ainda com Goulart no território brasileiro) e neste mesmo dia os EUA reconhece o novo regime político no Brasil. No dia 15 deste mês, o general Humberto Castelo Branco assumiu como o primeiro ditador do novo regime. Estava, portanto, instaurada a ditadura civil-militar que durou 21 anos.

No período da ditadura civil-militar, conhecido como “anos de chumbo” (1969-1974) a realidade era mascarada: enquanto se fazia a exposição dos pontos positivos econômicos e esportivos da nação, nos “porões” as torturas cresciam vertiginosamente. Os que se opunham ao novo regime político foram calados, cassados, presos, torturados para tentar quebrar a resistência.

---

<sup>4</sup> A operação foi batizada de Condor em homenagem ao Chile [...] o grande abutre é uma das insígnias do brasão Chileno [...] o condor voa acima dos 600m de altitude desconhecendo as fronteiras – um dos planos dos generais era justamente ignorar os limites geográficos (MARIANO, 2006: 45). Além disso, segundo o autor, essa operação pode ser dividida em três fases: 1 - cadastro dos subversivos, com a criação de um banco de dados; 2 - execução de militantes escondidos em países vizinhos; 3 - comandos de elite que matavam exilados que conspiravam nos EUA e Europa (MARIANO, 2006: 46).

<sup>5</sup> Criada em 1949 pelo exército brasileiro, com assistência estadunidense e francesa, a ESG tinha por objetivo treinar pessoal de alto nível no sentido de exercer funções de direção e planejamento da segurança nacional (BORGES, 2009: 20).

Os cenários de torturas localizavam-se no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), nas salas mais recônditas, onde era possível a prática dos atos mais atrozes aos ditos “subversivos”. Instrumentos bárbaros eram montados na hora, como o pau-de-arara – barra de ferro, empregada no processo de tortura, e que marcou para sempre a vida daqueles que passaram pela humilhação da dor e do sofrimento, através de atos de total desrespeito à dignidade da pessoa humana. Nesse processo, infelizmente, muitos profissionais como médicos, enfermeiros e psicólogos violavam os Direitos Humanos.

Muitos Atos Institucionais foram criados neste período, e o preâmbulo do AI-1 já denunciava o que seria a ditadura no Brasil:

[...] A Revolução vitoriosa, como Poder Constituinte, se legitima por si mesma. Ela destitui o governo anterior e tem a capacidade de constituir o novo governo. Nela se contém a força normativa, inerente ao Poder Constituinte. Ela edita normas jurídicas, sem que nisto seja limitada pela normatividade anterior a sua vitória (GASPAROTO, 2004: 179).

Grupos de esquerda viam na luta armada o único meio para liberdade, sendo o movimento estudantil a voz mais forte, acompanhado pelos artistas e operários. No primeiro dia do novo regime, como atitude repressora, foi queimado o prédio da União Nacional dos Estudantes (UNE) no Rio de Janeiro, com a intenção de afastar a ameaça e desarticular os movimentos sociais. Mas os grupos de estudantes continuaram a se reunir na clandestinidade. Em 1965, realizaram seu 27º Congresso e planejaram a construção de DCE’S e grêmios – agora ilegais – para representarem os interesses dos estudantes. Nos anos à frente continuaram a manifestar-se por melhorias na educação e contra a ditadura.

No ano de 1968, explodem as mobilizações.<sup>6</sup> Foi o ano do AI-5 (censura que proibia tudo considerado subversivo ou de oposição ao governo). Foi um período de muita violência. A polícia invade o restaurante Calabouço – no qual estavam reunidos estudantes secundaristas – e, atirando, mata o estudante Edson Luís de Lima Santos. Os impulsos dos rebeldes foram contidos aos poucos. Nas escolas, as forças conservadoras atuavam de forma invisível. Na verdade, em todos os setores da sociedade estavam, de alguma forma, infiltrados os informantes do governo. A luta dos estudantes traz lições válidas até a contemporaneidade, conforme destaca Marçal:

---

<sup>6</sup> Para uma análise mais aprofundada e com múltiplas perspectivas sobre o ano de 1968 ver PADRÓS; GUAZZELLI, 2008.

O movimento estudantil que se solidificou no Brasil enfrentando a Ditadura conjugou questões pontuais aos estudantes com questões amplas e maiores que tocavam em outros grupos sociais. Mesmo que aparentemente derrotado, conseguiu expor fatos relevantes para reflexões referentes à construção de uma nova sociedade. [...]

Portanto, os estudantes, nessa época, sintetizaram uma geração que encaminhou conflitos nos lares, na disputa por valores nas produções artísticas, nos sindicatos, nas escolas, nas universidades e em outros tantos espaços da sociedade. Geração esta que, pelo que tanto questionou, pelas suas atitudes e por tudo que propôs, continua viva e necessária para os desafios do mundo contemporâneo (MARÇAL, 2006: 84).

Depois de muitos anos de ditadura, os ventos começam a mudar de curso. Em 1976, com a eleição de Jimmy Carter, aponta-se para uma importante virada política. Neste momento, interessava aos Estados Unidos cessar seu apoio às ditaduras. No final do governo Geisel, já se observa uma melhor articulação das forças oposicionistas, tirando os guerrilheiros de evidência e passando a destacar-se a Igreja Católica, os sindicatos das áreas industriais mais adiantadas – em especial no ABC paulista –, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), dentre outros componentes da sociedade civil. Em realidade, é importante esclarecermos que a frações de oposição da sociedade civil nunca se calaram: mas, nesse período, elas tiveram mais força. Segundo Francisco Carlos Teixeira da Silva, a passagem do governo Geisel para Figueiredo deixava claro que a ditadura estava acabando (TEIXEIRA DA SILVA, 2009: 254). O regime ditatorial já se mostrava enfraquecido, e no final da década de setenta e início da de oitenta, iniciava-se o processo de redemocratização com a volta dos exilados políticos, a extinção do bipartidarismo e, tendo como ponto culminante, a Campanha das Diretas Já – embora a eleição para presidente da República ainda tenha sido indireta, fruto do fracasso da Emenda Dante de Oliveira pelo/no Congresso Nacional.

Através do cenário aqui sucintamente delineado, tentamos contextualizar um período da História de nosso país que foi maculado para sempre e que, pela visão daqueles que cumprem o papel social da Literatura, está registrado em diversas obras. É o caso do escritor Josué Guimarães que possibilita que analisemos sua obra como objeto de estudo deste artigo. As obras do autor que são objetos de análise são: *Os Tambores Silenciosos* e *É Tarde para Saber*.



Sabe-se que o assunto relacionado à ditadura não se esgota visto que foram muitas mortes, são muitas feridas, portanto, ainda há muito a ser elaborado referente a esse período da nossa História.

### **A Representação da Ditadura na Obra *Os Tambores Silenciosos***

Apesar da censura, tivemos uma leva de escritores que produziram suas narrativas contextualizadas com essa época da nossa História, como Érico Veríssimo, Moacyr Scliar, Caio Fernando Abreu e Josué Guimarães – autor que escolhemos para pesquisar sua obra e considerar duas delas neste artigo.<sup>7</sup>

Em 1975, em Portugal, Josué Guimarães escreveu *Os Tambores Silenciosos*, obra que contesta o autoritarismo militar e que foi publicado em 1977.<sup>8</sup> Nesse livro, o escritor usa a única munição que tem disponível para expressar seu desejo de mudar o mundo: a palavra. Guimarães trabalhou para o governo de João Goulart<sup>9</sup> e foi vereador em Porto Alegre, eleito pelo partido do presidente, o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Assim, era um conhecedor do contexto político brasileiro e utilizou-se desse conhecimento para desenvolver suas obras literárias. Josué Guimarães também foi jornalista,<sup>10</sup> e como tal, ficou visado pelos setores de controle no período da ditadura civil-militar, chegando ao ponto de se refugiar sob pseudônimo de Samuel Ortiz.<sup>11</sup>

Mas o principal plano de sua luta contra a ditadura civil-militar foi travado no cenário literário, pois “nos anos 60 e 70 do século XX a Literatura se definia como engajada e militante, portadora de um compromisso definido com o social na sua missão de denúncia das injustiças sociais” (PESAVENTO, 2003: 32).

---

<sup>7</sup> Josué Guimarães nasceu na cidade de São Jerônimo, distante a 70 quilômetros de Porto Alegre/RS em 07 de janeiro de 1921. Autor de obras consagradas pela crítica e pelo público, dentre as quais *Os Tambores Silenciosos*, *É Tarde Para Saber*, *Camilo Mortágua*, *A Ferro e Fogo*, *Dona Anja* (essa última adaptada como telenovela pelo SBT em 1997). Além disso, tem livros adaptados para filme (*Enquanto a noite não chega*, 2010) e mini-série televisiva (*A Ferro e Fogo*, 2003, RBS TV). Continua sendo um autor muito lido, haja vista sucessivas reedições de seus trabalhos pela editora L&PM. Faleceu em 1986, em Porto Alegre.

<sup>8</sup> Neste ano a obra recebeu o prêmio Érico Veríssimo de Romances da Editora Globo.

<sup>9</sup> Durante o governo João Goulart, Josué Guimarães integrou a primeira comitiva de jornalistas Brasileiros em viagem à China e a União Soviética (Instituto Estadual do Livro, 1996, p. 13).

<sup>10</sup> Como jornalista trabalhou em vários jornais utilizando-se de pseudônimos: *A Folha da Tarde* (Dom Camilo); *Jornal Hoje* (Peppone) e na *Zero Hora* (Phieleas Fogg) (MOURA, 2011: 14).

<sup>11</sup> Durante a época da Campanha da Legalidade, o autor utilizou-se desse pseudônimo. A Campanha da Legalidade foi um movimento popular e militar iniciado em 25/08/1961 e que durou aproximadamente 10 dias, em função da renúncia do então presidente da República Jânio Quadros e o veto de que o Vice-presidente João Goulart assumisse a presidência conforme previsto em lei.

Em razão disso, a Literatura foi vista nesse período como extremamente perigosa, pois se opõe ao regime vigente. Ela abre espaço para se questionar as ideologias e induz o leitor à reflexão nas questões políticas e sociais, com o diferencial de que como arte, não tem um comprometimento com a verdade, podendo apropriar-se de elementos comuns a realidade do contexto social em que a obra é produzida e trazê-la para o mundo ficcional, utilizando-se de linguagem metafórica e fantástica ou de alegoria, que pode passar despercebida pelo leitor ingênuo, para executar a proposta de denúncia (CULLER, 1999: 45).

Além disso, há de se relacionar o sistema literário com o sociocultural. Dileta Martins afirma que não é desejável estudar Literatura independente do conjunto cultural, já que compreender Literatura é compreender a cultura de um povo e de uma época (MARTINS, 1997:18). História e Literatura se interpenetram; assim, podemos, através do estudo do contexto histórico-social da época da produção de uma obra, compreender sua narrativa e as ações de determinados personagens.

Nesse sentido, o historiador se vale do texto literário como *porta de entrada*, a permitir o resgate das sensibilidades, valores, *ethos*, razões e sentimentos de uma época. Nesse sentido, a literatura, aqui apresentada como uma fonte muito especial para a história é, antes de tudo, fonte de si mesma: o texto literário deve ser lido a partir do seu tempo de escritura e não do narrado (PESAVENTO, 2004: 110-111).

Isso é bem visível nas produções de Josué Guimarães, localizadas, na sua maioria, na década de 70. Observamos isto, por exemplo, na obra *Os Tambores Silenciosos*, em que o autor toma posição a respeito dos problemas sociais.

*Os Tambores Silenciosos*, pela sua narrativa, abre margem para ambiguidade de interpretações, podendo representar os dois períodos de ditaduras que vivemos no país no século XX, tanto a do Governo Vargas (1937-1945), como a do período da ditadura civil-militar (1964-1985), pois esses períodos se assemelham muito nas características internas apesar de terem relações externas bastante distintas.<sup>12</sup> A ditadura do período do Estado Novo envolvia, principalmente, a aristocracia rural; enquanto na ditadura civil-militar se

---

<sup>12</sup> A ditadura de Vargas não perde nada em violência para seus sucessores: seja física ou psicológica. Além disso, assim como a ditadura civil-militar, também foi um importante meio de reprodução para o capitalismo no país. A diferença maior – e mais significativa – se dá no contexto internacional: nos anos 30 e 40 era o tempo dos fascismos, nos anos 60 e 70, da Guerra Fria. Isso implica, evidentemente, em distintas articulações e tentativas de inserção nas relações internacionais.

destacavam os militares, contando com o apoio de grandes empresários de nacionais e multinacionais. A partir de então, consideraremos como foco a ditadura civil-militar. Apesar dessa ambigüidade, o texto de Guimarães é uma resposta ao seu tempo histórico. Ele diz muito mais sobre o tempo vivido do que o tempo passado.

A novela de Josué Guimarães, *Os Tambores Silenciosos*, **integra-se ao grupo não tanto por se apropriar de eventos históricos verídicos, mas por refletir sobre a vida política brasileira dos anos 70.** Fixando a ação na década de 30, utiliza como pano de fundo figuras reais da época (Flores da Cunha, Plínio Salgado), assim como acontecimentos autênticos: a repressão policial, a ascensão do integralismo. Todavia, o romance não tem como meta apresentar aquele período ao leitor, mas usá-lo como instrumento para avaliar a situação contemporânea, devido à proximidade ideológica e semelhança de atitudes.[...] O caráter alegórico que desmistifica situações análogas no Brasil da década de 70 fica claro (ZILBERMAN, 1992: 128-129 – Grifos nossos).

De acordo com Volnyr Santos, a obra *Os Tambores Silenciosos* é uma denúncia atual:

Ainda que se tenha como referente a ditadura getulista, o **romance *Os Tambores Silenciosos*, repetindo este evento, não busca recuperar aquele momento da vida brasileira, mas atualizá-lo, pela proximidade ideológica, com os fatos políticos gerados pelo movimento de 1964[...]** O livro *Os Tambores Silenciosos* é um documento das falhas e distorções da organização social, já que, calcada no autoritarismo, gerou um momento na história brasileira a cujo significado Josué Guimarães não pôde ficar insensível. Sua visão de homem comprometido com a liberdade criou o romance que, em essência, desnuda a ditadura e, na ambigüidade de sua concepção, propõe o entendimento da realidade imediata filtrada pelos valores estéticos (SANTOS, 1997: 141-142 – Grifos nossos).

*Os Tambores Silenciosos* está ambientada em uma semana na qual se realizavam os preparativos para o desfile de Sete de Setembro de 1936. O enredo transcorre em Lagoa Branca, uma cidade fictícia do interior do Rio Grande do Sul, com personagens marcados por suas ações: um prefeito ditador – o coronel João Cândido; um grupo de bajuladores; policiais violentos; mulheres infiéis; e sete solteironas que observam toda cidade por um binóculo herdado do pai, evidenciando os comportamentos condenáveis.

As irmãs Pilar representam a consciência crítica da cidade, ao mesmo tempo em que, a mais nova delas, Maria da Glória, constrói pássaros negros que invadem a cidade no dia do aniversário da Independência do Brasil, provocando o aniquilamento da ditadura.

Josué Guimarães explica, na sua narrativa, atitudes repressivas do período da ditadura civil-militar do Brasil. Essa obra dialoga com outras produções como, por exemplo, *Incidentes em Antares*,<sup>13</sup> de Érico Veríssimo, que se mostra comprometido com o seu tempo e também denuncia as atrocidades das décadas de 60 e 70.

Como citado anteriormente, a censura, neste período, foi bem rigorosa, inclusive para a imprensa, conforme podemos perceber já na primeira página da narrativa *Os Tambores Silenciosos*:

– O trem acaba de chegar, disse Maria Celeste para as irmãs. – Seu Valério já deu de mão nos amarrados do Correio do Povo e do Diário de Notícias e o sabujo do Paulinho Cassales trata de carregar os jornais para o Ford da prefeitura e assim ninguém mais lê jornal nesta terra e, além disso, lá se foi o nosso rádio Polyson da Crosley [...] (GUIMARÃES, 2011: 9).

Pode-se observar pela citação acima que os jornais eram interditados na chegada da cidade: a população não lhes tinha acesso. O prefeito se julgava no poder de decidir quem poderia ou não ler jornal, o que nos revela a mistura do público com o privado, como evidenciado pela historiografia. Nesse período, foi difícil traçar a linha demarcatória entre público e privado, visto que o poder era quem determinava as escolhas.

No início da obra, aparece a figura do capitão de polícia, Ernesto Salgado, que em diálogo com prefeito, Coronel João Cândido, solicita autorização para, no dia seguinte, enviar o personagem Paulinho na “Atheneu”<sup>14</sup> e se achasse livrescos do Partido Comunista, então era “cadeia grossa.”

Parece que estamos lendo História: registro da caça aos comunistas. Mas é ficção, com uma narração de qualidade impressionante, que nos permite enxergar com os olhos da imaginação Lagoa Branca, suas casas, a livraria, a prefeitura. Trata-se de uma descrição típica das cidades do interior do Rio Grande do Sul.

A obra também retrata como a oposição ao governo procura burlar a repressão e ter acesso a itens proibidos, conforme o próprio capitão de polícia admite:

---

<sup>13</sup> O livro é publicado em 1971 e se refere a um incidente ocorrido em 13 de dezembro (data do AI-5: 13/12/68), mas em um outro ano, o de 1963. Na obra de Verissimo, sete mortos insepultos abandonam seus caixões e em praça pública, procedem ao julgamento dos vivos. A volta desses mortos, de diferentes classes sociais, acentua o caráter do realismo social da narrativa. Acertada as contas particulares de cada um, os próprios mortos acabam voltando para os caixões, pois nada mais tem a fazer no mundo dos vivos.

<sup>14</sup> Livraria e papelaria O Atheneu, de Dino Maldonado. Quando a vistoria se concretiza acabam recolhendo o proprietário ao xadrez (GUIMARÃES, 2011: 12;45).

Caminhava num pequeno espaço, que o resto da peça estava abarrotado de caixas e de receptores de rádio; ele empurrou um dos aparelhos com o pé: às vezes fico a pensar se alguém ainda continua a esconder um desses troços, sei lá, por mais que a gente procure, sempre eles encontram um buraco onde esconder um aparelho de rádio; debaixo de cama não que a gente bate logo nesses lugares, dentro de guarda-roupa, sótão, porão; outro dia descobrimos um nos fundos de um quintal, na latrina[...]" (GUIMARÃES, 2011: 15).

Outro aspecto comum que ocorria nos anos de “chumbo” da ditadura civil-militar era a demissão de muitos professores que mostravam indícios de oposição ao governo.<sup>15</sup> Em *Os Tambores Silenciosos*, Guimarães alude a este fato no diálogo entre o prefeito e o professor Ulisses:

[...] o senhor fica lá pelo seu colégio dando lições aos jovens, eles precisam, eu fico aqui pela prefeitura criando uma vida nova para esta minha gente, inclusive para o senhor. [...] o senhor não é obrigado a colaborar, mas se achar que este não é o caminho, sou forçado a defender o meu povo, coloco o senhor num trem, amanhã ou depois, vai escolher uma outra cidade para lecionar[...]" (GUIMARÃES, 2011: 22-23).

Mesmo órgãos como os correios ficam sob os ditames do prefeito ditador da interiorana Lagoa Branca. As irmãs Hortência e Heloisa, responsáveis pelos correios têm uma sala secreta nos fundos de sua casa. Lá, Heloisa se tranca para abrir as correspondências suspeitas, sendo algumas encaminhadas ao prefeito: é um círculo fechado. Disso toma conhecimento Dr. Lúcio quando é chamado na prefeitura:

Caiu por acaso em minhas mãos uma carta escrita por D. Benigna e endereçada à sua irmã de Porto Alegre, não cabe aqui referir a opinião de sua senhora, mas convém lembrar a ela que as medidas que estamos tomando são para o bem de todos e que seria prudente não fazer o jogo de nossos inimigos, [...]" (GUIMARÃES, 2011: 33).

Paralelamente aos registros da historiografia sobre a ditadura civil-militar, encontramos na obra a representação do tratamento aplicado aos presos e também a justificativa que os soldados apresentavam quando questionados a respeito de gritos que se ouviam à noite:

---

<sup>15</sup> Para considerações mais abrangentes sobre a repressão ideológica, que variava de punições leves até o expurgo de docentes ver CORSETTI;CUNHA;MANSAN (2008).

[...] um soldado respondeu que são alguns presos ladrões que roem as unhas e de noite tem alucinações, ou são bêbados que querem agredir os soldados e eles são obrigados a restabelecer a ordem senão na cidade ninguém consegue dormir. [...] estamos dentro da legalidade, agindo em nome dela, defendendo o direito da propriedade, da família [...], e de Deus [...] (GUIMARÃES, 2011: 92;124).

Às irmãs Pilar, com quem o narrador divide o papel, e que a tudo observam da soleira de sua janela, através das lentes de seu velho binóculo, nada escapa às críticas. Elas fazem alusão a tudo, em harmonia com a questão dos desaparecimentos:

[...] a verdade é que muitos dos alunos desapareceram [...]. Maria Madalena perguntou: desapareceram? E como pode uma pessoa desaparecer assim sem mais nem menos, como bolha de sabão? Maria de Jesus fez um ar de esperta: ora, sabe como é a mãozinha do inspetor aqui, o dedo do capitão ali, o tenente na delegacia se fazendo de ausente e vai daí as galenas vão sendo recolhidas aqui e ali e junto com elas os meninos e sabe Deus se não estão enfiando essas crianças na cadeia como criminosos [...] (GUIMARÃES, 2011: 162).

O desfecho da obra se dá na data da Independência do Brasil, dia em que, segundo a programação do prefeito, deveria ocorrer um grande desfile comemorativo à semana da pátria, que o povo passou organizando nos seis dias anteriores. Porém, o céu amanhece nublado e pássaros negros invadem a cidade, entrecruzam o alto, como um prenúncio de que o dia não seria conforme o esperado.

Quando o prefeito chega ao palanque observa que as árvores estão cheias de pássaros negros, as casas estão todas fechadas e começa a chover. De todos os esperados, só comparece um pequeno grupo de integralistas que são convidados a entoar o Hino Nacional. Após dispensar todos os discursos preparados, o prefeito anuncia:

Numa terra de traidores e de covardes, de mentirosos e ingratos; se pensam que me desautorizam, estão muito enganados [...] os traidores serão expulsos de Lagoa Branca como cães sarnentos e receberão o merecido castigo [...] Estão encerrados os festejos da semana da pátria! (GUIMARÃES, 2011: 200).

Era o fim ficcional daquela semana de 1936. A invasão dos pássaros artesanais que ganharam vida, fantasticamente, representava o aniquilamento do regime ditatorial. Josué Guimarães com a experiência de jornalista político e escritor maduro, consegue no romance histórico *Os Tambores Silenciosos*, passar pelo crivo da censura e através da alegoria, desnudar o regime ditatorial contemporâneo à produção de sua obra.

### **O Entrelaçamento da História e da Literatura em *É Tarde Para Saber***

Para Latino Coelho, de todas as artes a mais bela, a mais expressiva, a mais difícil é sem dúvida a arte da palavra, ela é dinâmica, viva (COELHO, 1981, p. 23). Josué Guimarães se aproveita destas propriedades da palavra, para dizer o não dito e desenvolve a narrativa do romance político *É Tarde para Saber*, sem discutir diretamente política. Publicada em 1977, esta obra de Guimarães, com sutileza, ludibria a censura da ditadura civil-militar, pois mesmo ocultando comentários mais pessoais, passa o posicionamento político do narrador – favorável ao jovem casal e se opondo à burguesia – e acaba sendo publicada sem que os censores tenham tido a capacidade de perceber.

*É Tarde para Saber* é mais do que uma bela história de amor – é uma obra que simultaneamente mostra e descortina o seu tempo histórico para “o historiador que está interessado em resgatar as sensibilidades de uma época, os valores, razões e sentimentos que moviam as sociabilidades e davam o clima de um mundo dado no passado” (PESAVENTO, 2003: 39). A obra narra o romance dos personagens protagonistas Mariana e Cássio, e, à medida que o enredo se desenvolve, percebemos a representação de dois pólos da sociedade: Cássio, o revolucionário, como tantos outros jovens, ultrapassa o medo, o horror, a morte e enfrenta radicalmente o sistema; já Mariana evoca a parte da sociedade alienada aos acontecimentos circundantes, representando frações majoritárias da sociedade brasileira do período.

A descrição que Guimarães realiza de determinadas ações de seus protagonistas dão ênfase à divisão de classe que ultrapassa o mundo da ficção: Cássio apresentava-se com as mesmas roupas, gastas e surradas. Mariana, filha única e mimada, tinha seu mundo restrito ao seu quarto, com seus objetos de valor e, da janela, via o mar e ouvia os ruídos das

crianças que brincavam nas calçadas da Avenida Atlântida, reduto de uma classe média abastada no Rio de Janeiro.

Estes dois opostos sociais também representavam os que estavam engajados na luta contra o regime e os alienados que seguiam normalmente suas rotinas. Isto é bem representado quando o narrador descreve a observação que Mariana fazia da janela de seu quarto:

[...] abriu as cortinas, abriu a janela e debruçou-se no peitoril para apreciar o formigueiro de carros e de gente que se movimentavam lá embaixo [...] De onde estava não conseguia divisar o quarto banco da Santa Clara para o Posto Seis. Nele estariam sentadas pessoas desconhecidas, turistas das mais diferentes latitudes [...] alguém estaria comentando o sequestro do embaixador, um outro a discutir bebidas e pratos queimados ou vizinhos seus que estariam a falar nos lucros imobiliários, no grande negócio dos apartamentos da zona sul, em viagens pela velha Europa, na infidelidade de esposas[...] (GUIMARÃES, 2012: 58).

Neste ponto, cabe um diálogo com a obra *O que é isso companheiro*,<sup>16</sup> de Fernando Gabeira, sendo que nesta observaremos bem essa divisão:

[...] a vida corria normal [...] Copacabana engarrafada com as compras, centenas de pessoas desfilando pelas calçadas [...] pareciam dois enredos paralelos. Nós ali, engarrafados com a partida de um jornal clandestino, gente fugindo de casa, limpando suas estantes de livros suspeitos; e nas ruas, as compras, a permanente trama sentimental, presentinhos daqui, presentinhos de lá [...] (GABEIRA, 1980: 94).

Maria de Almeida e Luiz Weis mostram como a atividade política clandestina interferia na vida privada, invadia por todos os poros o cotidiano familiar, pois muitas vezes nem a própria família tomava conhecimento do paradeiro ou da atividade que exerciam os seus entes queridos (ALMEIDA; WEIS, 2010: 399). Mariana relata que o irmão de Cássio está no estrangeiro e que ele não sabe ao certo o país. Neste mesmo

---

<sup>16</sup> Livro de memória, escrito enquanto o autor estava no exílio, narra a trajetória de Fernando Gabeira como membro do movimento revolucionário de 8 de outubro (MR-8). Recua no tempo até o golpe de 1964 e narra acontecimentos em ordem cronológica tendo como zênite o ano de 1969, quando Gabeira é trocado pelo então sequestrado embaixador dos Estados Unidos e viaja para a Argélia (GABEIRA, 1980).



momento ela faz referência à China <sup>17</sup> ao falar de Mig, felino que Cássio lhe presenteou. (GUIMARÃES, 2012: 98).

As relações de amizades e amores eram muitas vezes interrompidas abruptamente. Na vida clandestina, por definição, a instabilidade era a regra. Na obra *É Tarde para Saber* esta instabilidade também permeia o romance de Cássio e Mariana:

Cássio não tinha telefone e nem endereço e nem sobrenome, costumava desaparecer dias seguidos e depois surgia como milagre, caído do céu, as mesmas calças puídas, a camisa xadrez, os cabelos espevitados, o ar desconfiado de sempre [...] ele era esquivo, que desaparecia, que não telefonava, enquanto ela se enclausurava em casa entre o desespero que ele nunca mais retornasse e a esperança de que qualquer momento soasse a campainha do telefone (GUIMARÃES, 2012: 17-18; 25).

A historiografia sobre o período também registra que no auge do regime ditatorial era comum o uso de códigos na comunicação e de pseudônimos, pois tudo era vigiado. Isto é representado quando Cássio combina com Mariana que não mais conversariam por telefone, mas que criariam um código para combinarem os encontros:

Prometo fazer um esquema completo, cada dia um sinal diferente, cada aviso com um significado especial, bem claro [...] - leva o esquema para casa, assim fechado e assume o compromisso de só abri-lo às oito horas em ponto, nem um minuto a mais, nem um minuto a menos. Combinado? Todo o código deve ser revestido de muitos segredos e rituais (GUIMARÃES, 2012: 28; 52).

De forma muito subjetiva, a narração do diálogo entre Mariana e sua mãe sobre Cássio, retrata certos mistérios que o envolviam (característicos dos estudantes engajados nos movimentos revolucionários da época), perceptíveis no registro literário do autor neste texto:

[...] não sei se ele estuda ou se trabalha, não sei seu sobrenome, nem onde mora, se tem pai e mãe vivos, se tem irmãos, não sei nada a respeito dele [...] só sei que se chama Cássio e mesmo sobre isto não tenho certeza (GUIMARÃES, 2012: 85).

Os seqüestros de embaixadores se constituíram em uma dupla atividade naquele período conhecido como “anos de chumbo”: por um lado, colaboravam na divulgação de

---

<sup>17</sup> A China era um dos países que compunham o bloco dos que tinham o socialismo como forma de governo em oposição ao bloco dos países da América Latina que, à exceção de Cuba, estavam sob influência dos EUA.

notícias, sob forma de denúncia, dos atos praticados pela ditadura no Brasil; por outro lado, muitas vezes foram cruciais para salvar as vidas dos presos políticos, mesmo que estes fossem banidos do país pelos militares que estavam no poder. De acordo com Almeida e Weis, o sequestro do embaixador dos Estados Unidos se deu no bojo de uma crise econômica e na perda de controle das ruas com o avanço da guerrilha urbana (ALMEIDA; WEIS, 2010: 257). Foram quatro os estudantes que invadiram o *cadillac* preto em que estava Charles Burke Elbrick (embaixador dos EUA) e seu motorista, mas doze militantes estiveram envolvidos no sequestro. Este foi o primeiro e o mais conhecido, com repercussão nacional e internacional. Houve outros sequestros, como do cônsul japonês (Nobuo Okushi), do embaixador alemão (Ehrenfried Anton Theodor Ludwig Von Holleben) e também o sequestro do embaixador suíço Giovanni Bucher no Rio de Janeiro, sendo que para o resgate deste, foi exigida a libertação de 70 presos políticos. Parece que este assemelha-se <sup>18</sup>mais de perto ao representado na obra *É Tarde para Saber*:

[...] a notícia anunciava o rapto de um embaixador, era o da Suíça [...] o resto da notícia com o retrato inexpressivo do diplomata que só seria liberado contra a saída do país de dezenas de presos políticos.

Então viu quatro retratos de jovens, quatro retratos com a inexpressividade característica das pessoas mortas; leu a custo a manchete que os encimava: “desmantelado o aparelho subversivo”; em letras menores: “terroristas mortos ao resistirem à prisão” (GUIMARÃES, 2012: 57; 131).

Se os exemplos citados acima contêm uma dose de veracidade, não se pode afirmar. O certo é que a literatura, pelo poder do imaginário é capaz de registrar o possível e o impossível; o que foi, é ou será. O que fica para nós, leitores, é a lacuna para continuarmos na busca das respostas para aquilo que nos inquieta: “\_ Será que...?”

E, para dar mais caráter de verdade à ficção, este romance tem a marca do trágico em seu final:

Quando bruscamente retira o jornal que sua mãe tinha escondido.  
A mãe ainda tentou tirar-lhe o jornal:  
- Não há nada, minha filha, afinal por que isso?

---

<sup>18</sup> Este seqüestro foi um dos que ocorreu no Rio de Janeiro, mesmo espaço da obra. Também se assemelha ao referente na obra pelo número de presos negociados em troca, que foram 70. Josué Guimarães cita que seriam liberados dezenas de dezenas de presos. O livro se refere ao sequestro de um embaixador suíço.

Então as lágrimas brotaram grossas dos seus olhos, sussurrou:  
- Minha filha, é tarde para saber (GUIMARÃES, 2012: 132).

Era tarde para Mariana saber de Cássio, pois o grande amor estava morto e isso era confirmado pela página do jornal que estampava sua foto junto aos seus três companheiros. Para muitas famílias brasileiras também é tarde para saber do envolvimento, desaparecimento e morte de alguns familiares engajados na luta armada, e talvez, para outros, isto nunca será uma certeza, pois ainda pairam muitos mistérios sobre esta página da História do Brasil.

### **Considerações Finais**

No ano de 2012, foi criada, pela presidência da República, para esclarecer a violação dos Direitos Humanos no período da ditadura, a Comissão da Verdade: sete foram os integrantes escolhidos diretamente pela presidenta Dilma Rousseff, sendo que estes junto com mais quatorze auxiliares ouvirão depoimentos do Brasil inteiro e analisarão documentos, durante dois anos, com o intuito de esclarecer a História de nosso país.

O tema da ditadura civil-militar, mais do que um tema de pesquisa acadêmica, tem se mostrado um tema sensível da vida social, não só no Brasil, como nos outros países da América Latina. Cada vez mais, é preciso pesquisar sobre esse passado tão recente e que, por muito tempo, ainda vai repercutir diretamente na vida de muitos seres humanos. As ditaduras deixam marcas tanto nas sociedades quanto nos indivíduos. A cidadania não pode se concretizar sem o conhecimento do passado, sem a memória e sem uma identidade.

Por isso, abordamos, neste artigo, o papel desempenhado pelo escritor Josué Guimarães, através da Literatura, em suas narrativas nas quais representou a História do Brasil nos regimes ditatoriais e posicionou-se contra o regime vigente. O escritor foi audaz o suficiente para burlar a censura e publicar suas obras neste período de autoritarismo.

Como já foi explicitado, a História e a Literatura se entrelaçam desde suas origens, ambas trazem narrativas que abrem horizontes e ajudam-nos a conhecer a cultura de um

povo. Narramos o que abstraímos ao traçarmos paralelos entre elas e especulamos os diálogos das suas entrelinhas, interpretando o dito e o não dito, subentendido nos textos.

Conhecer o nosso passado com o auxílio de escritores do cunho de Josué Guimarães é prazeroso e ajuda-nos a construir a nossa História contemporânea, que será futuramente estudada e narrada por outros leitores pesquisadores, quer em obras de História, quer de Literatura. O certo é que eles as narrarão de acordo com as suas vivências, leituras de mundo e com o aporte que proporcionaremos por deixá-las registradas em nossas produções atuais.

Esperamos que este artigo colabore com as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas sobre a ditadura civil-militar no Brasil, “para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça” (PADRÓS, 2006: 11).

### **Referências Bibliográficas**

ALMEIDA, Maria; WEIS, Luiz. Carro zero e pau de arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.). *História da vida privada no Brasil*. Vol. 4. São Paulo: Companhia de Letras, 1998.

ALVES, Daniel. O golpe de 1964 no Rio Grande do Sul. In: WASSERMAN, Claudia; GUAZZELLI, Cesar. *Ditaduras Militares na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

BORGES, Nilson. A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GUIMARÃES, Josué. *É Tarde para Saber*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

GUIMARÃES, Josué. *Os Tambores Silenciosos*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

CHARTIER, Roger. Uma crise da História? A História entre narração e acontecimento. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Fronteiras do Milênio*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

CHIAPPINI, Lígia. Relações entre História e Literatura no contexto das Humanidades hoje: perplexidades. In: NODARI, Eunice; PEDRO, Joana Maria; Iokoi, Zilda M. Gricoli. *História: Fronteiras*. São Paulo: ANPUH, 1999.

COELHO, Latino. A Palavra. In: TAVARES, Hênio. *Teoria Literária*. Belo Horizonte: Itatiaia Limitada, 1981.

CORSETTI, Berenice; CUNHA, Janaina Dias; MANSAN, Jaime Valim. Barra 68: A UNB e a repressão à educação superior pública durante a primeira fase da ditadura civil-militar brasileira (1964-1968). In: GUAZZELLI, Cesar; PADRÓS, Enrique (Orgs.). *Conflitos Periféricos no Século XX: Cinema e História*. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma Introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. Política Externa Independente e Guerra Fria: intrincadas relações de um golpe militar no Brasil. In: WASSERMAN, Claudia; GUAZZELLI, Cesar. *Ditaduras Militares na América Latina*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. Guerra Fria, horror quente: a bomba, de novo... mas agora em *Dr. Fantástico*, de Stanley Kubrick. In: GUAZZELLI, Cesar; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BECK, José Orestes; QUINSANI, Rafael Hansen. *Fim do mundo: guerras, destruição e apocalipse na História e no Cinema*. Porto Alegre: Argonautas, 2012.

DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado*. Petrópolis: Vozes, 1986.

FERREIRA, Jorge. *João Goulart – Uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GABEIRA, Fernando. *O que é isto companheiro?* Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

GASPAROTTO, Alessandra. A ditadura militar e seus reflexos no Ministério Público do Rio Grande do Sul. In: WASSERMAN, Claudia; GUAZZELLI, Cesar. *Ditaduras Militares na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

INSTITUTO ESTADUAL DO LIVRO. *Josué Guimarães: Escrever é um ato de amor*. Porto Alegre: IEL, 2006.

MARÇAL, Fábio. Final dos anos 60: os estudantes balançam o Brasil. In: PADRÓS, Enrique (org.). *As ditaduras de segurança nacional: Brasil e Cone Sul*. Porto Alegre: CORAG, 2006.

MARIANO, Nilson. Operação Condor: A Internacionalização Repressiva. In: PADRÓS, Enrique (Org.). *As ditaduras de segurança nacional: Brasil e Cone Sul*. Porto Alegre: CORAG, 2006.

MARTINS, Dileta Silveira. A posição de Josué Guimarães na literatura sulina. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. *Josué Guimarães o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/EDIPUCRS, 1997.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *O Governo João Goulart – As lutas sociais no Brasil: 1961-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

MOURA, Vanessa dos Santos. *A literatura gaúcha contesta o regime militar: uma análise interpretativa do romance Os Tambores Silenciosos de Josué Guimarães*. 136f. Porto Alegre: UFRGS, 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade do Rio Grande do Sul.

PADRÓS, Enrique (Org.). *As ditaduras de segurança nacional: Brasil e Cone Sul*. Porto Alegre: CORAG, 2006.

PADRÓS, Enrique (Org.); GUAZZELLI, Cesar. *68: História e Cinema*. Porto Alegre: EST, 2008.

PESAVENTO, Sandra J. Fronteiras e intertextualidade em *O continente*, de Erico Verissimo. In: CHIAPPINI, Lígia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Pampa e Cultura: de Fierro a Netto*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PESAVENTO, Sandra J. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. In: *História da Educação*. Pelotas, UFPEL, nº 14, 2003.

SANTOS, Volnyr. Josué Guimarães: uma visão crítica do mundo. In: REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. *Josué Guimarães o autor e sua ficção*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/EDIPURS, 1997.

SOUZA, Roberto Acízelo de Souza. *Teoria da Literatura*. São Paulo: Ática, 2002.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974 - 1985. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

WASSERMAN, Claudia. O império da Segurança Nacional: o golpe militar de 1964 no Brasil. In: WASSERMAN, Claudia; GUAZZELLI, Cesar. *Ditaduras Militares na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

Recebido em 11 de março de 2013/  
Aprovado em 29 de maio de 2013